



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9405 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

Da forja da mão à invenção do olhar: um relato de pesquisa

Kelly C Sabino - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Da forja da mão à invenção do olhar: um relato de pesquisa

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma investigação de doutorado, ancorada na esteira da teorização foucaultiana, cujo objetivo foi analisar as transações discursivas entre a arte e o campo educacional brasileiro; mais especificamente, dedicou-se a analisar a emergência e a proveniência dos discursos sobre o ensino da arte no meio escolar, a reboque da inquietação acerca de como se deram tal encontro, seus deslocamentos e suas repercussões no presente. O procedimento analítico adotado ancorou-se na perspectiva arqueogenealógica foucaultiana: por um lado, visou-se compreender arqueologicamente as modulações discursivas que se materializaram em determinadas narrativas de cunho pastoral sobre a arte na educação; por outro, pretendeu-se circunscrever genealógicamente a emergência de determinadas práticas dedicadas ao ensino da arte, as quais são caracterizadas por um conjunto de imperativos discursivos renitentes em circulação no campo investigado. Quatro diferentes arquivos formaram a empiria de tal tese, os quais possibilitaram configurar a maneira pela qual a forja da mão e, depois, a investida em um tipo de olhar interiorizado sustentaram um acento governamentalizante das práticas educativas em torno da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de arte. Arte e educação. Arquivo. Periódicos acadêmicos. Michel Foucault.

A presente investigação pretendeu, à maneira de Foucault, pôr em xeque verdades consideradas naturais no que diz respeito à arte no campo educacional, mais especificamente, o presente estudo dedicou-se a analisar a emergência e a proveniência dos discursos sobre arte no campo educacional brasileiro, a partir da inquietação sobre como se deu essa aliança. Buscar operar uma história outra da junção dos termos arte e educação, na esteira foucaultiana, é trabalhar a partir da sua singularização:

[...] a história tem por função mostrar que aquilo que é nem sempre foi, isto é, que é sempre na confluência de encontros, acasos, ao longo de uma história frágil, precária, que se formaram as coisas que nos dão a impressão de serem as mais evidentes. Aquilo que a razão experimenta como sendo sua necessidade, ou aquilo que antes as

diferentes formas de racionalidade dão como sendo necessária, podem ser historicizadas e mostradas as redes de contingências que as fizeram emergir [...] (FOUCAULT, 2000, p. 324).

Tendo como horizonte teórico-procedimental também a noção foucaultiana de arquivo, a investigação toma inicialmente os discursos sobre ensino da arte presentes em 55 periódicos científicos brasileiros de destaque da área de educação, entre 1996 e 2019, com o objetivo de explicitar alguns debates contemporâneos acerca da díade arte/educação. A fim de circunscindir a discursividade anterior ao período em foco, um segundo movimento analítico requereu o tratamento da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em toda sua extensão, desde 1944. Ambos os arquivos focalizados exigiram um novo recuo temporal: até a institucionalização das práticas de ensino da arte no País, a cargo da Academia Imperial de Belas Artes. Desta feita, os estatutos, os regimentos e os relatórios docentes da Academia foram selecionados para compor o arquivo em tela, que cobriu o período de 1816 a 1935. Ainda, com o intuito de contextualizar os contornos narrativos que antecederam a institucionalização do ensino da arte no Brasil, soma-se um quarto arquivo, constituído por discursos, em Portugal, acerca da importância da arte na Corte, os quais anteciparam a criação da Academia Imperial de Belas Artes.

Nessa direção, a crença – raramente colocada sob suspeita – dos efeitos benfazejos da presença da arte no campo educacional vem atualizando noções/palavras de ordem, como criatividade e expressão, as quais engendram narrativas que chamamos de pastorado artístico-pedagógico em torno de motes como liberdade, emancipação etc. Com vistas a um endereçamento que passasse ao largo de uma historicização essencialista e ascendente do ensino da arte no País, o estudo ocupou-se de fazer operar – mediante ora a recorrência, ora o desuso de determinados apelos teleológicos – uma mirada crítica sobre o presente pedagógico, operando, assim, em favor da constituição de uma história outra do encontro da arte com a educação brasileiras.

O pastorado artístico-pedagógico: aproximações

A partir de uma espécie de analítica do presente com o intuito de dar a ver a problematização que, na atualidade, ocupa os discursos em torno da arte no campo educacional, seja pela seriação, pela rarefação ou pela reiteração de questões que parecem próprias ao momento atual, buscou-se mobilizar um contingente de discursos sobre arte no campo educacional nos últimos 24 anos – de 1996 à 2019 –, sendo o marco inaugural aquele que contempla o momento em que a arte se torna disciplina obrigatória na Educação Básica no País. Foram investigados mais de mil artigos em periódicos acadêmicos de destaque no campo educacional. Esse contingente discursivo compôs o portal de entrada na investigação, servindo, assim, como uma espécie de farol que iluminou as recorrências, as discontinuidades e as polêmicas que, de tão entranhadas em nosso presente, são por vezes tomadas como naturais.

Tal *locus* de discursos foi de fulcral interesse, dada a concentração de discursos de circulação acadêmica – artigos fruto de teses, de dissertações e de investigações no campo educacional sobre arte –, a partir do qual se pôde verificar a massa discursiva sobre o ensino da arte na atualidade. Tratou-se ali de ver em marcha regimes de veridicção próprios do presente que operam como uma espécie de ladainha que busca legitimar diuturnamente a importância do ensino da arte, findando por constituir aquilo que denominamos “narrativas do pastorado artístico-pedagógico”: um tipo específico de pastorado pela arte, o qual atribui a esta, via de regra, uma potência disruptiva *per se*.

Curiosamente, tais narrativas buscam se afastar do passado do ensino da arte, como se a superassem, quando, efetivamente, redundam em uma atualização daquilo que criticam.

Isso é notável nos discursos que trazem a criatividade como um dos principais objetivos do ensino da arte, ainda que a noção de potência criadora ali requerida não seja aquela realizada ao longo do século XX pela chamada livre-expressão.

As narrativas do pastorado artístico-pedagógico, conforme foi possível atestar ao longo da pesquisa, remetem à entrada dos discursos escolanovistas no campo do ensino da arte, os quais foram analisados com o arquivo formado pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, exercendo um tipo de governo que a arte na educação possibilitaria – o governo da alma –, uma modalidade de transformação de si, com vistas à criação de pessoas *mais* singulares, *mais* criativas, *mais* expressivas e *mais* cidadãs. A crença no caráter educativo da arte resulta intrínseca, portanto, à ideia de progresso e de desenvolvimento da coletividade.

A Academia Imperial de Belas Artes: proposições

A fim de buscar o movimento histórico que delineou a institucionalização do ensino da arte no Brasil, a Academia Imperial de Belas Artes, um recuo temporal drástico foi necessário, especificamente no que se refere ao exame das condições de possibilidade de tais discursos. Para isso, chegou-se aos prováveis primeiros discursos publicados em língua portuguesa acerca da importância da legitimação da arte em Portugal, intuindo que esse tipo de arquivo poderia fornecer um começo para a oficialização da arte.

Além dos discursos de artistas, operamos com fontes que possibilitaram esmiuçar algumas nuances da discussão sobre arte no País, especificamente no que diz respeito ao que a historiografia oficial denomina Missão Francesa no Brasil. Feita essa espécie de figura-fundo, movimenta-se o volumoso arquivo da Academia Imperial de Belas Artes – primeiramente denominada Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios – recobrando o período de 1816 a 1935, quando a chamada Escola Nacional de Belas Artes foi, por fim, incorporada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Pudemos operar um mergulho nas fontes relativas à Academia Imperial de Belas Artes, desde as querelas em torno da sua fundação, as quais envolvem, inclusive, um evento que marca um posicionamento bastante glorificador e colonialista na historiografia oficial do ensino da arte: a *Missão Francesa*. De um lado, há autores que a condenam, como se a vinda de artistas franceses para as terras brasileiras tivesse maculado a genuína expressão artística brasileira – no caso, o barroco mineiro e o baiano. Por outro lado, há uma parcela dos autores que tomam a vinda de tal missão como um marco célebre no ensino da arte – fato que, ao que pudemos verificar em documentos oficiais da Torre do Tombo em Lisboa, não é precedente.

Corroborando algumas hipóteses sobre a história da arte brasileira apresentadas mais recentemente, a vinda dos artistas franceses significou mais uma saída arranjada diplomaticamente entre os interesses de um marquês, de um conde de formação francófona e de um conjunto de artistas que queriam ser expatriados, justificando, em parte, a querela entre portugueses e franceses no que tange à criação de uma academia de arte na colônia, uma vez que nem mesmo em Portugal havia uma – o que só aconteceu duas décadas depois da criação da Academia no Brasil.

Pudemos observar a recorrência nos estatutos e regimentos da Academia, ao longo do século XIX, da *polícia escolar*, que servia à manutenção da moral como requisito do ensino da arte, apesar de ser possível comprovar que o ensino da arte passava por um aprendizado do *métier*, o qual envolvia determinadas formas de fazer e de se portar. Em suma, o governo pela arte dava-se então pelo controle da mão. Segundo Catarina Martins (2013), pode-se considerar o ensino da arte como uma forma de tecnologia de polícia, no sentido apresentado no segundo capítulo desta tese: uma forma de governo pelo bem-

estar.

Foi possível atestar, nas fontes analisadas, que no final do século XIX, a emergência de um saber *psi* começou a adentrar os discursos da Escola Nacional de Belas Artes, tanto na abertura de ateliês livres quanto nas aulas de desenho livre e de observação. A passagem do século XIX para o XX é marcada pela assunção tanto da visão como de um novo tipo de indivíduo, como se pôde averiguar. Assim, práticas menos calcadas na mão e em sua correção dão lugar às práticas livres na Escola Nacional de Belas Artes, performando a entrada dos discursos *psi* no campo educacional via arte – o que serviu de base para a discussão que sustentou o quarto capítulo da tese. Ora, se o escolanovismo teve papel crucial no estabelecimento desse tipo de irrupção do sujeito *psi* no interior do campo educacional, no ensino da arte não foi diferente. A emergência da visão e, com isso, do olhar – compreendidos como categorias imbricadas ao ensino da arte –, somada ao ingresso da racionalidade psicologizante no campo educacional, teve o ensino da arte como um forte aliado. Daí que uma série de práticas solidificariam o ensino da arte na infância em prol do melhoramento e da normalização das crianças.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos: uma invenção da arte na educação

Foi a partir da análise de todos os artigos na RBEP sobre arte e seu ensino, da primeira edição em 1944 até 1996, que pudemos nos dedicar a dar a ver as raridades, contrastes, ressonâncias e descontinuidades entre as práticas apresentadas anteriormente e aquelas exercidas no presente (percorrido pelos 55 periódicos acadêmicos), funcionando, assim, como um jogo de claro-escuro entre passado e presente. Entende-se que, por sua vasta extensão, esse arquivo constituiu um conjunto documental contundente no que tange ao dimensionamento da circulação de discursos sobre arte no campo educacional.

Pode-se demonstrar que os discursos da arte na educação entre as décadas de 1940 e 1990 se voltariam basicamente à importância do desenho para o desenvolvimento da criança, tido como uma forma de desvelamento da interioridade dos pequenos. Ficou evidente que o uso dos testes psicológicos, pelos quais seria possível qualificar a situação do desenvolvimento da criança, teve enorme destaque ao longo do século XX. Curiosamente, os testes psicológicos deixaram de ser uma prática de destaque nos periódicos contemporâneos, mas seu caráter supostamente desvelador mantém-se nos discursos sobre arte no campo educacional.

É certo que o desenho teve papel crucial na consolidação da relação entre a educação e os discursos *psi*. Os testes psicológicos baseados em desenhos infantis produziam formas de normalização e padronização, sendo eles uma forma de manutenção da atenção – no sentido apresentado por Jonathan Crary – que traziam também em seu bojo o treino da mão, prática crucial para o ensino da arte no século XIX. Ao largo dos discursos mais contemporâneos no campo educacional, o desenho – desdenhado por uns, tido como vilão por outros, seja por remeter ao obsoleto ensino de arte acadêmico, seja por ser considerado uma prática esvaziada de conteúdo – não deixou de cumprir seu papel ao longo do século XX como revelação da interioridade da criança. Ainda hoje, quando solicitado ou aludido em certos artigos analisados, resguarda por vezes a missão autoatribuída de dar a ver o verdadeiro eu da criança ou, ainda, de fornecer indícios de suas faltas.

Em suma, pode-se verificar que os predicados da arte na educação, além de aliançados a um forte ideal de progresso social e desenvolvimento pessoal, trariam embutida a crença numa criatividade inerente aos fazeres artísticos. Daí o lugar de chegada da investigação feita: da forja da mão como instrumento edificante da prática e do ensino da arte à invenção do

olhar como ferramenta de governo pelo desvelamento de si e do outro, a criança é o hífen que conecta e fomenta a arte na educação.

Referências

CRARY, Jonathan. **Suspensions of perception: attention, spectacle, and modern culture**. Massachusetts: MIT Press, 2001.

_____. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. Estruturalismo e Pós-estruturalismo (1983). In: FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Coleção Ditos e escritos, vol.II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 307-334, 2000.

MARTINS, Catarina S. S. **As narrativas de génio e salvação: a invenção do olhar e a fabricação da mão na educação e no ensino de artes visuais em Portugal (de finais de XVIII à primeira metade do século XX)**. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal, 2011.

_____. The arts in education as police technologies. Governing the child's soul. **European Education**, 45(3), p. 67-84, 2014.